

EDUCAR E CUIDAR DO CORPO: DISPOSITIVOS BIOPOLÍTICOS DE HIGIENIZAÇÃO EM UMA INSTITUIÇÃO DE ATENDIMENTO À PEQUENA INFÂNCIA

Ana Cristina Richter

Mestre em Educação – Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea (UFSC/CNPq)

Alexandre Fernandez Vaz

Doutor em Ciências Humanas e Sociais – PPGE/PPGEF/UFSC; Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea (UFSC/CNPq); PQ CNPq

RESUMO

Partindo de uma pesquisa de abordagem etnográfica realizada em um ambiente educacional de atendimento a infância de 0 a 6 anos, o texto trata de dispositivos pedagógicos que transpassam o corpo nos momentos de higiene e nos demais tempos que compõem a Rotina dessas instituições. Os resultados revelam discursos e ações que se dirigem à cultura de uma infância asséptica já presente nas concepções higienistas do século XIX. Os discursos e práticas aparecem em meio a um conjunto de normalizações que funcionam como braço pedagógico de uma biopolítica que atua no âmbito da vida nua.

ABSTRACT

Regarding on an ethnographic research in a Kindergarten, this paper aims to study pedagogic axis that cross the body in its moments of hygienic and other times of institutional Routine. The results show discourses and actions of an “aseptic childhood” culture, already present in hygienic conceptions of XIX Century. Such discourses and practices show up in a set of normalizations that act as a pedagogic arm of a biopolitics of nude life.

RESUMEN

Tomando en cuenta os datos de una investigación etnográfica realizada en un ambiente educacional que atiende niños, el texto trata de dispositivos pedagógicos que traspasan el cuerpo en los momentos de higiene y en los demás tiempos que componen la Rutina de instituciones como esta. Los resultados revelan discursos y acciones dirigidas a la cultura de una “infancia aséptica” ya puesta en las concepciones higienistas del siglo XIX. Dichos discursos y prácticas aparecen en medio a un conjunto de norma(s)lizaciones que funcionan como brazo pedagógico de una biopolítica que actúa en ámbito de la vida nuda.

1. INTRODUÇÃO

Ao longo da história da sociedade brasileira muitos foram os esforços empreendidos na construção de uma *nação moderna*: ordenada, orientada ao progresso, urbanizada, desenvolvida, sadia, enfim, civilizada. Se num primeiro momento, as elites participaram desse processo sob as orientações/determinações de uma medicina *higienista*, num segundo, também os “sem-família”, os ambulantes, os criados, os pivetes, os

analfabetos, as mulheres menos abastadas e suas crianças, tornaram-se alvo de políticas e discursos *higienistas* em prol da assepsia dos espaços urbanos e das condutas humanas. (COSTA, 1999). Era preciso “salvar” a vida desses “infelizes abandonados”, mentalidades supostamente doentes¹, por meio das “receitas” prescritas pelos higienistas. Estes agente-educadores dedicaram especial atenção às crianças ao almejam a criação de uma *infância higiênica* e a transformação dos pequenos no *homem digno do amanhã* – o que contribuiria para a melhoria da sociedade e, sobretudo, da *espécie*. (GONDRA, 2000).

Nesse contexto foram criadas as instituições de atendimento à infância no Brasil, territórios que deveriam produzir sujeitos “normais”, disciplinados, assépticos, saudáveis, autogovernados. (GONDRA, 2000; KUHLMANN Jr., 1998). Os *corpos infantis* são ainda hoje conduzidos (ou seqüestrados) ao interior de instituições, as creches e núcleos de educação infantil. Esses ambientes contribuíram e contribuem, sobretudo, para a aprendizagem do autocontrole e da autoconservação física, mas, também, para aqueles *processos biológicos de conjunto* que permitem *fazer-viver* a população. (AGAMBEN, 2004).

O presente trabalho tem o propósito de brevemente apontar a presença e atualidade/atualização de discursos e estratégias higienistas na educação da infância, braços pedagógicos de uma biopolítica que atua no âmbito da vida nua (AGAMBEN, 2004), que faz operar o *animal laborans*² (ARENDRT, 2002) que vive para o mero consumo imediato (do tempo, da faina, de si mesmo) e que, no limite, se produz como um corpo que tem história seqüestrada.

Nossa análise se ocupa de resultados de uma pesquisa etnográfica realizada em uma creche da Rede Pública de Ensino de Florianópolis composta por trinta e oito profissionais que atendem cento e oitenta crianças entre 0 e 6 anos de idade. O trabalho considerou espaços e tempos da educação do corpo no âmbito de uma Rotina organizada por Momentos: entrada, saída, alimentação, sono, parque, atividade orientada, higiene Educação Física³.

Neste texto damos relevo aos Momentos de Higiene, considerados pela instituição, tal como os demais períodos que compõem a Rotina, como espaço/tempo de *cuidado e educação* dos pequenos. No entanto, não deixamos de dialogar com os momentos de Educação Física e demais períodos que compõem o dia-a-dia da creche, uma vez que estes aparecem fortemente marcados pela presença de ações e estratégias vinculadas à higiene, a saúde, à “qualidade de vida”. Focalizaremos, para tal, cenas extraídas de nosso caderno de

¹ Vale citar Verdi (2002, p. 166), segundo a qual ao longo da história do Brasil foram e são empreendidas políticas ligadas aos hábitos de vida, à “qualidade de vida”, “tratando da enfermidade e pobreza como inseparáveis”. Trata-se, segundo a autora, de “higienismos no plural”.

² Hanna Arendt (2002) analisa as três atividades que integram a condição humana: o *labor*, o *trabalho* e a *ação*. O *trabalho do homo faber* produz um mundo artificial de coisas, cria um mundo comum de significações que possibilitam ao sujeito dar um sentido à própria existência; a *ação* é a condição da vida política e corresponde à condição humana da pluralidade: a capacidade de agir, de expressar as singularidades, introduzir seus saberes no espaço vivente e começar algo novo, responsabilizando-se pelo mundo público comum. Diferentemente do trabalho e da ação, o *labor* é uma atividade ligada ao processo biológico. A vida do *animal laborans* está ligada aos processos vitais, ao que se consome no próprio metabolismo, à conservação física e àquela manutenção e preservação da vida que os homens e os animais comungam.

³ A rede de ensino local oferece aulas de Educação Física com professores habilitados que atuam desde o berçário.

campo, trechos de documentos analisados, bem como as vozes de atores institucionais captadas por meio de entrevistas.

Inicialmente apresentamos algumas questões referentes ao esforço sócio-sanitário presente na educação infantil, bem como nas vozes de profissionais que atuam na creche. Em seguida tratamos dos Momentos de Higiene e de outros tempos que compõem a Rotina institucional, por meio de recortes de cenas extraídas de nosso diário de campo. Esses períodos aparecem atravessados por estratégias e prescrições ligadas à “neutralização” da sujeira e da doença (e da miséria), mas também da infância e seus “desajustes”. Concluimos o texto apontando algumas relações entre uma pedagogia que se vale (e atualiza) estratégias e discursos higienistas e uma *biopolítica* que atua no âmbito da *vidanua*, *potencializando*, em sentido muito preciso, o corpo e a vida.

2. HIGIENE, SAÚDE E QUALIDADE DE VIDA: BREVE PASSAGEM POR DOCUMENTOS, PLANOS, PROJETOS, ENTREVISTAS E OUTROS ESCRITOS

No que tange a Educação Básica, os Parâmetros Curriculares Nacionais sugerem que a *saúde* deva ser abordada como tema transversal no cotidiano e no decorrer de todas as atividades vivenciadas no interior dos ambientes educacionais. O documento destaca a importância em “prevenir e remediar” atitudes que possam prejudicar o desenvolvimento da “cidade saudável”, da “comunidade forte, solidária e constituída sobre bases de justiça social”, além da criação de um ambiente favorável à qualidade de vida: limpo, seguro e “que satisfaça as necessidades básicas.” (BRASIL, 2000, citado por Mynaio, 2006, p. 94).

Esses elementos se encontram presentes nos documentos da creche pesquisada – como em seu Projeto-Político Pedagógico – onde se destacam aspectos ligados à higiene, a promoção da saúde e a qualidade de vida. Além disso, há a preocupação em abordar esses temas com os familiares dos pequenos frequentadores da creche, a exemplo de um conjunto de palestras que deveriam tratar da “Saúde da Criança”. Também nas reuniões de estudo da instituição, quando mensalmente professores/as e equipe pedagógica se reúnem para debater questões pedagógicas, o tema da saúde e da higiene tem lugar privilegiado.

Não apenas nos documentos atuais, mas já no projeto de implementação dos primeiros núcleos de educação infantil e creches públicas da cidade de Florianópolis, elaborado por profissionais da saúde, da assistência social e da educação, aparecem objetivos relacionados à ordem e ao asseio, como medidas de combate à carência econômica, à falta de higiene, à desnutrição e aos descuidos com a saúde. (OSTETTO, 2000). Na década de 1980, nos documentos relativos ao ano de fundação da creche, encontra-se em destaque, entre os objetivos da instituição, a busca por estabelecer hábitos de vida sadia em relação à higiene, recreação e sono.

Nos textos, mas também nas vozes e ações profissionais, a higiene ocupa relevo, como se pode observar nas falas dos atores institucionais:

Estou em paz porque ali está limpo, [...] a limpeza em primeiro lugar. Como é que diz o ditado? A limpeza é Deus, é amor. A sujeira o diabo carregou: o diabo gosta de onde está sujo, onde transmite doença. A pessoa pode ser pobre, mas estando tudo limpo, se ganha a paz. (Servente).

A gente faz cursos de manipulação de alimentos, onde se aprende desde tu receberes o alimento até a hora de servir. A primeira coisa é o prazo de validade. (Houve um curso em que) fizeram uma encenação para ver se tu és Maria ou se tu és Joana. Joana é caprichosa e a Maria é uma relaxadona. Ela vai abrir a lata e mete a faca. [...] Pode estar suja. [...] O correto é pegar o abridor; primeiro lavar em cima.” (Merendeira).

Encontramos, assim, um conjunto de registros que compreendem diferentes formas de circulação de saberes relativos à higiene e que adentram a creche, seja por meios formais, como os cursos de manipulação de alimentos, ou, também, por meio de valores religiosos e da propaganda oficial acessada pela memória televisiva: em entrevista, um servente relembra a imagem do *Sujismundo*, aquele que lançava papel ao chão, não tomava banho e permanecia rodeado por mosquitos⁴.

Se nos inícios do Moderno era preciso educar as condutas e estimular hábitos salutaros, tal como a limpeza do corpo e da casa, essas normalizações parecem exigir hoje um grau menor de coerção externa, dada sua introjeção, autoregulação, interiorização normativa (ELIAS, 1994). No entanto, hodiernamente, nos deparamos com outras formas de *tutelage* dos corpos, dos sentidos, das condutas individuais e coletivas, relacionadas à higiene, à saúde, a qualidade de vida. A *vida*, ao livrar-se da sujeira, da mundície, da infecção, da contaminação, dos “sujismundos”, deve agora *contrair* qualidade. Esta, racionalmente organizada, compreende atributos, padrões e estilos que sugerem modelos “saudáveis” e “normais”: não basta banhar o corpo, é preciso adquirir um produto pré-determinado – fármacos, técnicas, cosméticos, fantasias – para que o “evento” se cumpra com qualidade. Ou seja, uma série de norma(lizações) se coloca a serviço da vida divulgando características constitutivas e determinantes daquela qualidade. Alicerçadas pelos saberes cientificistas⁵, essas norma(lizações) *circulam* nas revistas, nos outdoors, nas propagandas ou nos programas televisivos estrelados por especialistas, atores ou quaisquer outros intérpretes, que atuam como representantes daquele receituário de qualificação do corpo e da vida, mas também nas falas repetidas de crianças e profissionais, assim como nas embalagens dos produtos consumidos pelos atores presentes na creche: biscoitos industrializados, dentifrícios, produtos de limpeza, equiparando, pela norma, vida e coisa, reificando, perversamente, em nome da qualidade a ser alcançada.

Esses saberes normativos que se interpenetram, adentram também a creche e nela são interpretados, aplicados e transformados, auxiliando a dar forma às identidades profissionais e ao trabalho dos diferentes atores institucionais e, ao mesmo tempo, a *organizar* a infância e seus “desajustes”, seus “descontroles”, sua “inabilidade”. Ou, de outro modo, a transferir, gradualmente, a responsabilidade aos “pequenos futuros

⁴ A imagem do *Sujismundo* foi lançada em 1972 em campanha nacional do governo federal: “Povo desenvolvido é povo limpo”.

⁵ Segundo Bassani e Vaz (2003, p. 02), podemos considerar a existência de uma “pedagogia do corpo na sociedade contemporânea, que se organizaria de forma complexa, contraditória, mas também coerente, estruturando-se em vários ambientes educacionais: na escola, nas academias de ginástica e musculação, na cultura corporal popular (capoeira), na cultura corporal erudita (balé), entre outros. Esta pedagogia se vale de um conjunto de técnicas e especialistas, como professores de Educação Física, nutricionistas, cirurgiões plásticos, pedagogos, etc. Ela tem também suas cartilhas – como as revistas ilustradas –, suas disposições “científicas” e, sobretudo, os produtos que devem ser consumidos para que se *eduque o corpo*. A pedagogia do corpo, que elabora predições diferentes para jovens e idosos, crianças e adultos, homens e mulheres, eficientes e deficientes, diz como o corpo e o sujeito *não podem deixar de ser*.”

cidadãos” pela sua própria saúde, *potência e qualidade* da/na vida – conforme veremos a seguir.

3. MOMENTOS DE HIGIENE: TÉCNICAS DE EMBELEZAMENTO, CUIDADO DE SI, ALTO RENDIMENTO, PERFORMANCE E CONSUMO COMO *NORMA E NORMALIDADE*

Os períodos específicos de limpeza dos corpos, os Momentos de Higiene, ocorrem na creche em oito ocasiões diárias, sempre antecedendo e sucedendo os tempos destinados às práticas alimentares: lanche da manhã e da tarde, almoço, jantar. As cenas que seguem indicam os cuidados com o corpo nesses períodos.

CENA 1: A professora pega um menino no colo e dirige-se ao banheiro. Na banheira ao lado, outra professora banha uma menina por completo, pois: “Vem podre de casa e todo dia a gente dá banho nela”. O garoto, agora limpo, recebe outros cuidados. A professora seca-o, passa uma pomada para assaduras e talco e coloca-lhe a fralda. Enquanto isso, na sala, a auxiliar troca outra criança. O movimento se repete até que todas as crianças tenham sido trocadas. “Às vezes, quando eles estão muito sujos porque não tomam banho em casa, a gente aproveita e põe na banheira”, diz uma professora.

CENA 2: As crianças sentam-se recostadas junto à parede, aguardando a entrega da escova dental. No banheiro escuro escuta-se: “Tira a espuma da boca.” “Não leva a escova pro bacio.” “Deu.” “Opa! Quem foi que deu o arrote?” A professora acompanha uma menina e a coloca em frente ao espelho, indicando o modo correto de escovação. Segue-se então: “Anda, escova”. “Aqui embaixo, várias vezes”. “Lava a boca e a mão.” “Lava com sabonete”. [...] Ainda durante a escovação, ouve-se: “Deu.” “Molha a escova.” “Anda.” “Deu.”. “Vai.” Uma criança se aproxima e mostra sua mochila: “Olha minha mochila da Barbie.”

CENA 3: As crianças fazem cambalhotas enquanto a professora auxilia na escovação dos dentes. Pela porta de acesso, esta espia a sala. Diz: “Deixa. Vem. Vai escovar.” “Mauro, no teu lugar. Que coisa teimosa.” Um menino guarda seus tênis junto à mochila, comentando: “Ó meu tênis do Batman.” A professora coloca pasta dental sobre as escovas. Entrega às crianças, encaminhando-as às pias do banheiro. Logo vai dizendo: “Anda.” “Ligeiro.” “Sem palhaçada.” Chama outras crianças e pede: “Lava a boca, lava a boca que tá suja.” “Pega o bico.”

CENA 4: Da auxiliar escuta-se: “Calça sapato.” “Quero a mão lavada direito.” “Vai secar o peito.” “Puxa da mão dele a escova.” “Teu pescoço tá um nojo. Vai lá lavar.” Às 16h40min a professora senta-se numa das cadeirinhas da sala. À sua frente encontram-se pentes e escovas. Uma a uma as crianças sentam em seu colo e têm seus cabelos escovados. Algumas meninas são enfeitadas com laços e pregadores.

CENA 5: A auxiliar começa a chamar as meninas, também uma a uma, para penteá-las. Depois de pentear, enfeita, amarra, coloca presilhas nos cabelos das garotas. Ela explica: “Primeiro as meninas porque é mais difícil. Amarrar é mais complicado. Os meninos é mais prático. A gente deixa para depois.” A professora comenta, ao apontar um menino que veste a camiseta: “Ele é um que está começando. Está feliz da vida.”

As professoras e as auxiliares pedem às crianças: “Vai lavar o pescoço que está um nojo”, “lava a boca”, “limpa o nariz”, “puxa a descarga”, “lava a mão”, “lava bem que está

sujo”, entre outras inúmeras ordenações diárias e persistentes. Também elas banham aquela criança que “veio suja”, que “vem podre de casa”, que “fez uma cagança”. Procuram eliminar os cheiros e os vestígios trazidos do lar. Só então se torna possível estabelecer outro contato: beijar, abraçar, elogiar a limpeza e a moralidade dos costumes nos corpos assépticos.

Essas ações parecem compor um conjunto de processos “sócio-sanitários” (MINAYO, 2006) ligados à *neutralização* da sujeira, da doença (e da miséria) e à *neutralização* da infância e seus desajustes, conforme apontamos anteriormente, tornando as crianças capazes de gerir seu próprio corpo por meio da aprendizagem do autocontrole.

O esforço em *entregar* aos pequenos a gestão do próprio corpo parece estar integrado à nossa sociedade esportivizada, na qual a *performance* – impregnada pelos princípios de alto rendimento e aptidão física – ganha destaque: o corpo⁶ é treinado no intuito da maximização, da superação dos limites, tornando-se “craque” ao ascender às normas da civilidade centralizadas no saber-fazer.

A cada momento de higiene as palavras “deu”, “anda”, “rápido”, “ligeiro que tem mais”, “daqui a pouco o pai chega”, “depressa”, “vamos”, “vai logo”, ecoam à porta do banheiro. Todo esse veloz empreendimento associa-se à melhor performance funcional a partir da aquisição de gestos técnicos influenciados pela necessidade de coordenar ações que visem incitar à saúde. A capacitação para executar tarefas de forma eficiente, ou a exclusão das incapacidades funcionais, aparecem nas vozes dos/das profissionais como princípios de “autonomia”: solução de tarefas designadas, “fazer sozinho”, mesmo que para tal não se coloque a exigência do pensamento. Nesses termos, a autonomia passa a significar “começar a se vestir sozinho”, “escovar os dentes sozinho”, “comer de garfo e faca”, “descascar uma banana”, “comer sem se sujar”. Se pensarmos na tradição dos ideais de formação – auto-reflexão crítica e não identificação com o meramente existente, nos termos de Adorno (2000) – temos, nesse contexto, uma visão reducionista de autonomia, que passa a ser sinônimo de domínio técnico de si e da vida⁷.

Os esquemas da indústria cultural aparecem aqui como contraface do higienismo, a exemplo da maquiagem e da perfumaria, dos tênis e das mochilas, das tatuagens e dos bonés, sobretudo aqueles originalmente utilizados por esportistas, cantores ou atores que personificam a imagem do belo e do exemplar, da dedicação e da pureza, enfim, que representam não somente uma *aparência exterior saudável*, como também a *saúde da conduta* – mesmo na aparente transgressão – compondo, assim, ideais estéticos e comportamentais que os pequenos não podem deixar de *in-corporar*.

As crianças interrompem suas atividades para mostrar seus corpos enfeitados com marcas e figuras de personagens midiáticos *intercambiáveis*⁸. Presas a satisfações

⁶ O esporte não aparece em sua “forma pura”, mas como exemplo de uma civilização que acredita no progresso linear e infinito.

⁷ Ainda nesse conjunto de processos sócio-sanitários colocam-se elementos que, contemporaneamente, também atuam como normas que favorecem processos de exclusão. Isso pode ser observado numa cena extraída de nosso diário de campo, segundo o qual um grupo de meninas permitia a entrada de outras crianças no espaço da brincadeira somente se estivessem com as bocas devidamente pintadas com batom.

⁸ Trata-se da substituição de personagens, embora se apresentem sempre da mesma maneira, de modo estereotipado. Adorno e Horkheimer (1985, p. 153) escrevem: “Cada filme é um *trailer* do filme seguinte que promete reunir mais uma vez, sob o mesmo sol exótico, o mesmo par de heróis; o retardatário não sabe se está assistindo ao *trailer* ou ao filme mesmo”. E ainda: “Não somente os tipos das canções de sucesso, os

imediatas e exteriores, suas identidades vão se constituindo enquanto revelam com entusiasmo: “Olha minha mochila da [...]”. “Olha minha bota da [...]”. “Viu meu tênis do [...]”. “Olha minha tatuagem do [...]”. Exibem, sem nenhum movimento de resistência, os objetos consumidos como parte de si mesmas. As crianças anunciam suas representações acerca da sobrevalorização da aparência quando chegam à creche e imediatamente apontam não apenas o sapato novo, mas sua marca, o logotipo que sugere também a *marca* da personalidade do sujeito que vai se constituindo e encontrando a “felicidade” na mercadoria.

Como se percebe, os Momentos de Higiene da/na creche não se reduzem àqueles tempos pré-determinados que lhes são conferidos no interior da Rotina. A higiene adota, acompanha, atravessa os tempos, espaços, atividades do dia-a-dia da creche, reunindo práticas que se estabelecem de modo contínuo e invariável. Isso também pode ser observado nas palavras dos/das professores/as, quando se encontram em sala: “vamos levar (as crianças) para fora (pátio), senão elas vão mofar.” Ou durante os momentos de alimentação, quando, ao servir os pequenos, também “servem” sucessiva e ininterruptamente expressões tais como: “Chuchu é bom pra ficar forte.”; “Só vou dar o prato para quem estiver sentadinho.”; “Que adulto (!), comendo de faca!”; “Come tudo para ter força para brincar no parque.”; “Tudo mocinha grande, rapazinho grande, fazer essa imundície toda... Onde já se viu?”

As aulas de Educação Física também contribuem para a produção da vida nua, como *promotoras* da saúde, conformando aquela circulação de saberes relacionados aos preceitos da higiene, como se pode observar nessa cena recortada de nosso diário de campo.

Em sala, a professora e a auxiliar penteiam as crianças, enfeitam as meninas com pregadores de cabelo e mandam que sentem sobre o tapete. [...] Uma criança se aproxima e mostra seus tênis “de luzinha.” [...] Um menino retorna do banheiro com o cabelo molhado. A professora grita: “Não é para molhar o cabelo com água fria. Depois vai ficar com dor de ouvido. Depois vai para a rua na Educação Física com cabelo molhado...” [...] Às 14h00min a professora de Educação Física entra e diz: “Vamos, turma!” Sai e as crianças a seguem até o terreno da horta. Solicita que cada criança se acomode sobre uma das várias pedras ali dispostas, em círculo. Em seguida convida as crianças a “tirarem a preguiça” por meio da imitação dos gestos relacionados à canção cujo tema é “banho é bom”. Então a professora avisa as crianças que, ao utilizarem os brinquedos, estes também devem ser guardados. [...] Uma criança se aproxima e diz que não gosta de brincar nesse terreno “porque pega espinho no tênis de luzinha”. Um garoto ultrapassa a cerca (em precárias condições) e a professora adverte: “Quer voltar para a sala?” Sobre a árvore os meninos gritam: “Socorro, furacão!”, e pulam de seus galhos. A professora se aproxima da árvore [...] e avisa: “Cuidado para não sujar, senão as professoras lá da sala vão ficar doidas.” Um menino solicita ajuda à professora para que o coloque sobre um galho da árvore. Ela explica: “Quem não sabe subir, não sabe descer” e manda que o garoto se dirija a outro espaço, sozinho, para “treinar”. [...] Já na *roda* a professora destaca que há crianças que não escutam, que ela fica “chamando” e “o horário já terminou”. Segue: “Quantas vezes chamei para fazer brincadeira e ninguém colaborou?!” [...] A auxiliar toma a palavra e diz: “Estamos atrasados. Agora nós vamos lavar as mãos com cuidado que as tias já lavaram o banheiro, e depois vamos lanchar.”

astros, as novelas ressurgem como invariantes fixos, mas o conteúdo específico do espetáculo é ele próprio derivado deles e só varia na aparência”. (Ibid., p. 117).

A cena descrita anuncia a expressão de preconceitos contra tudo o que pode mostrar ou lembrar *mistura e diferença*. Ou, de outro modo, contra aquilo a que somos obrigados a renunciar a fim de nos reconhecermos humanos, civilizados. Se, por um lado, a civilização exige renúncias que permitem que sigamos vivendo em sociedade, por outro, os sacrifícios que se impõem nesse sentido permanecem como uma expressão do mal-estar da cultura.

Esse processo de domínio-repulsão do corpo, de sacrifícios internalizados, de negação e repressão, parece fazer-se presente na creche, muitas vezes, de modo duro, dolorido, rígido, isento de entendimento, de interpretação⁹. Essa dureza pode significar uma indiferença à dor que permite ao agredido transformar-se em agressor, “vingando-se da dor que precisou ocultar ou reprimir” (ADORNO, 2000 p. 128). Em outros termos, o do prosseguimento da barbárie, assistimos, no contemporâneo contexto *biopolítico*, uma espécie de censura biológica (a exemplo do nazismo: quando a morte do ruim deixaria a vida mais sadia; ou em proporções atuais, quando os menos saudáveis, belos, sarados, abonados – aqueles que não correspondem aos ideais higienistas que tratam da doença e da miséria inseparavelmente – são excluídos da entrada a determinados espaços sociais ou mesmo do acesso aos bens ou produções culturais.). Se tomarmos em consideração as assertivas de Adorno, vinculando-as àquele contexto de censura biológica (de eliminação da diferença e de toda forma de indeterminação), não causa espanto o quadro da saúde no Brasil nos últimos anos que, segundo Minayo (2006), apresenta a diminuição das taxas de mortalidade infantil por *doenças* e, ao mesmo tempo, o crescimento das taxas de mortalidade por *violência* que atinge faixas desde os cinco anos de idade. Segundo a autora, “a maior quantidade de vítimas vivem no contexto urbano [...] e moram em áreas periféricas.” (Ibidem, p. 98). Ou seja, embora livres de doenças infecto-contagiosas, esses “doentes” podem ser eliminados. Em tempos de *biopolítica*, a vida da espécie deve ser preservada, mas pode também ser *matável*, deixando a *vida em geral* mais sadia.

4. PALAVRAS FINAIS

Todo o rigor que busca favorecer o bem-estar físico individual e a saúde dos indivíduos que convivem no espaço da creche sugere uma vinculação simultânea aos processos de individuação e totalização, pautando-se na potencialização da vida meramente biológica e, ao mesmo tempo, na civilização da conduta de cada indivíduo em particular.

Talvez possamos dizer que as concepções higienistas do século XIX e seus pressupostos governem ainda o mundo contemporâneo, os corpos, os sentidos. E, sob novas nomenclaturas e configurações, permaneçam atuando junto à produção não tanto da *qualidade de vida*, mas da *vida qualificável* em sentido muito particular, tomada de atributos e classificações, modelos e normalizações, estilos examináveis e quantificáveis. Que se lembre aqui, que o *desvio* da *norma(l)* aparece como *patologia* que deve ser “erradicada”. Diferentes ou desviantes¹⁰ podem facilmente ser remetidos ao *campo* dos inimigos, podem ser (ou manter-se) excluídos.

⁹ Há que se destacar a presença de relações outras com o corpo, tal como a cena em que, vagarosamente, a professora banha a menina, deslocando o *fluxo do tempo* para a “delícia da água quentinha”, da água morna que toca a pequena e suas próprias mãos; constrói-se outras formas de comunicação que não aquela marcada pela *brevidade*, pela *velocidade*, ou meramente regulada por interesses práticos.

¹⁰ Fazemos aqui uma referência ao aforismo *Exame* encontrado em *Mínima Moral* (Adorno, 1993). O autor explica que a capacidade de perceber o outro enquanto tal é substituída por “um conhecimento avaliativo dos homens”, por “um olhar fixo que examina, fascinante e fascinado, e que é próprio de todos os líderes [Führer] do terror”. E segue: “As palavras do Novo Testamento, ‘quem não está comigo, está contra mim’,

O conjunto de concepções e práticas sócio-sanitárias que contribuem na eliminação de desvios e diferenças, na conformação e potencialização daquelas pequenas vidas, parece operar como *braço pedagógico* da *biopolítica* e, nesse caso, a creche acaba por se configurar como um exemplar do *espaço concentracional* (AGAMBEN, 2004), limitando-se, sob o jugo dos saberes científicos e seus agentes (professores/as, merendeiras, serventes, nutricionistas etc.), a *medicalizar* a vida e a condição social, tratar meramente das necessidades vitais e assegurar pseudogratificações. Enfim, concentrando-se na esfera biológica, nas necessidades vitais, a educação e o cuidado na creche acabam consagrando o domínio do consumo, do labor, antes mesmo que os pequenos possam alcançar sua condição de sujeitos políticos. Trata-se, nos termos de Arendt (2002), do reducionismo da condição humana, naquele espaço que deveria promover a experiência formativa, ao estado de *animal laborans*.

5. REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- ADORNO, T. *Educação e emancipação*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- _____. *Mínima Moralia*: reflexões sobre a vida danificada. 2. ed. São Paulo: Ática, 1993.
- AGAMBEN, G. *Homo Sacer*: o poder soberano e vida nua. Belo Horizonte: UFMG, 2004.
- ARENDT, H. *A condição humana*. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- BASSANI, J. J.; VAZ, A. F. Educação do corpo e autoreflexão crítica: uma investigação na dimensão pedagógica da obra de Theodor W. Adorno. In: XIII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 2003, Caxambú. Anais. Campinas: CBCE, 2003.
- COSTA, J. F. da. *Ordem médica e norma familiar*. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- ELIAS, N. *O processo civilizador*: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, v.01. 1994.
- GONDRA, J. G. A sementeira do porvir: higiene e infância no século XIX. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.26, n.1, p. 99-117, jan./jun. 2000.
- KUHLMANN Jr., M. *Infância e educação infantil*: uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- MINAYO, C. Saúde como responsabilidade cidadã. In: BAGRICHEVSKY, M. et.al (Org.). *A saúde em debate na Educação Física*. Blumenau: Nova Letra, 2006. p. 93-102.
- OSTETTO, L. E. *Educação infantil em Florianópolis*. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.

são palavras que sempre vieram do fundo do coração do anti-semitismo. Um dos elementos básicos da dominação é remeter ao campo dos inimigos por causa da simples diferença todo aquele que não se identifica com ela. [...] Carl Schmitt definia a essência do que é político diretamente pelas categorias amigo-inimigo. O progresso em direção a tal consciência faz a sua regressão ao modo de comportamento da criança que ou gosta de uma coisa ou a teme. [...] A liberdade seria não a de escolher entre preto e branco, mas a de escapar à prescrição de semelhante escolha.” (ADORNO, 1993, p. 115).

VERDI, M. M. *Da haussmanização às cidades saudáveis: rupturas e continuidades nas políticas de saúde e urbanização da sociedade brasileira do início e final do século XX*. Tese (Doutorado em Enfermagem)– Programa de Pós-graduação em Enfermagem – Filosofia da Saúde da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

Endereço dos autores:

Ana Cristina Richter
Rua Dom João Becker, 641 – 305
88058-600 – Florianópolis/SC
E-mail: ana_tinaa@uol.com.br